Carnavalizar o método: pistas para uma metodologia ébria

Carnivalizing the method: tracks to an inebriate methodology

Juliana Cecchetti; Danichi Hausen Mizoguchi

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

O presente artigo pretende apresentar os percursos metodológicos de uma pesquisa que se interessa pelo carnaval, pela cidade e pelos modos de subjetivação contemporâneos. Com a aproximação de autores como Michel Foucault e Jorge Larrosa, afirma-se o primado da experiência e o caráter singular do método, distante de uma via única, verdadeira e replicável que enfraqueceria a potência micropolítica dos problemas e a força irreverente, imprevisível e efêmera do carnaval. Tomando como direção não-prescritiva o gesto inventivo e alegre de experimentação, a aposta é viver o campo do mesmo modo e ao mesmo tempo em que se vive a festa, na composição de uma metodologia ébria e de um *ethos* pesquisador-folião.

Palavras-chave: carnaval; experiência; método.

ABSTRACT:

This article aims to present the methodological paths of a research interested in the carnival, the city and the contemporary modes of subjectivation. With the approach of authors such as Michel Foucault and Jorge Larrosa, it affirms the primacy of the experience and the singular character of the method, far from an unique, true and replicable way, that would weaken the micropolitical potency of the problems and the irreverent, unpredictable and ephemeral strength of carnival. Taking as a non-prescriptive direction the inventive and joyful gesture of experimentation, the bet is to live the research field and the feast in the same way and at the same time, arranging an inebriate methodology and a researcher-reveler *ethos*.

Key-words: carnaval; experience; method.

DOI: 10.12957/mnemosine.2022.66393

Introdução

Em *Rua de mão única*, Walter Benjamin (1995: 71) afirma que “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade como alguém se perde numa floresta requer instrução”. No Rio de Janeiro, nenhum momento parece mais propício para perder-se – tanto pela cidade quanto de si – do que o carnaval. Nos intensos dias de folia, as ruas são coloridas, os mapas são embaralhados, os fluxos são alterados e os corpos são lançados aos encontros, desencontros e colisões. É que mais do que a festa da democracia ou a expressão máxima da essência de um povo, como costumam narrar as histórias hegemônicas e oficiais,

algo do carnaval intensifica de modo extraordinário os jogos de força que ordinariamente fazem a urbe acontecer.

Dentre muitas outras coisas, a nossa festa maior e a intensificação dos jogos de força urbanos por ela provocados podem impelir a problematizações do presente – de nossos limites e das ultrapassagens possíveis. Assim, entre empolgação e inquietação, o carnaval pode também emergir como campo e objeto de pesquisa a quem tiver interesse em nossos processos de subjetivação: o carnaval pode habitar a academia e ajudar a interrogar aquilo que temos feito de nós mesmos. Todavia, no livro *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*, a professora e pesquisadora Maria Clementina Pereira Cunha (2001: 15) aponta para o fato de que “nada parece combinar menos com o prazer risonho e orgiástico do carnaval que o silêncio e a solidão dos livros. Nenhuma roupagem, aliás, parece menos adequada que a acadêmica para servir de fantasia”. Entre a ciência e o carnaval, a impressão pode ser mesmo a de um abismo. Porém, o que propomos no presente artigo é justamente refletir sobre a possibilidade de efetivar uma estranha intercessão – ou coser o abismo – entre esses dois blocos quase inconciliáveis.

Em conversa mantida com Michel Foucault (2010), em 1978, Duccio Trombadori indagou-o acerca da necessidade de indicações que, em todo e qualquer trabalho de pesquisa, explicitem a ligação entre o problema inicial e os resultados obtidos. Foucault lhe respondeu que quando começa um trabalho não sabe exatamente como vai realizá-lo: as definições se dão ao longo do processo. Disse ainda que a cada empreitada é sempre necessário engendrar um método de análise que, sendo singular e forjado sob medida para uma questão específica, não é nem pode ser prescritivo ou generalizável. A indicação de Foucault situa o método próximo da radicalidade de um artifício criativo e rigoroso, distante de uma via única, verdadeira e replicável. E é desta tarefa simultaneamente epistemológica e política que emergem as questões que nos interessam: como fazer com que a efemeridade voraz do carnaval dure no gesto de problematização? Sob quais estratégias se pode conjugar o silêncio intelectual da pesquisa com a alegria barulhenta da rua e da festa, fazendo com que a escrita ganhe corpo, cheiro, ritmo, temperatura e movimento? De que maneira forjar um corpo folião-pesquisador? Enfim, como aliançar metodologicamente o carnaval e a pesquisa?

Às pesquisadoras e aos pesquisadores lotados em instituições universitárias não se recomenda fazer como o poeta pantaneiro Manoel de Barros (2010: 64), que afirmou: “Não tenho método nem métodos”. Nas sucessivas avaliações dos trabalhos, a academia sempre exige

definições precisas dos procedimentos investigativos. É preciso avaliar se a técnica de coleta de dados tem validade e fidedignidade, se a amostra é representativa em relação à população, se os recursos utilizados na análise dos dados são pertinentes para que se saiba se estão aptos a levar a pesquisa a respostas minimamente consistentes.

Uma das mais célebres exigências dos manuais de pesquisa científica é a replicabilidade. Em muitos deles, se diz enfaticamente que a metodologia proposta “deve ser exposta de modo suficientemente claro e detalhado, para que qualquer pessoa que a leia seja capaz de reproduzir os aspectos essenciais do estudo” (MOURA, 2005: 49). Tal preceito, nascido nas ditas ciências exatas, foi transposto também para as ciências humanas. Buscando a fuga das pechas de pseudociência, de crença, de opinião e de metafísica, o histórico forçado das humanidades é a suposta fabricação de uma matemática da subjetividade, advinda da plena separação entre aquilo que se convencionou chamar de sujeito – aquele que conhece – e o objeto – aquilo que é conhecido. A experiência, sustentada nesta dualidade e na pretensão de se saber, de saída, seus meios, objetivos e fins, converte-se em experimento – sendo reduzida a nada mais que “uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência” (LARROSA, 2015: 33). Submetida às teorias que a antecedem, aos manuais que a orientam, ao sujeito que a conduz, a experiência, assim compreendida, nos serve apenas na medida em que confirma nossas hipóteses e reitera nossos modos de perceber – e dominar – o mundo.

Todavia, o código que guia o cientista clássico talvez não se encaixe nas intenções de quem se interessa pelos modos de existência contemporâneos – e, especialmente, pelo carnaval. Seria empobrecedor à complexidade problemática definir o balizamento da seleção de amostras, para usar os exemplos mais batidos nos manuais, de forma probabilística aleatória simples ou não-probabilística intencional, ou a delimitação de procedimentos como a observação artificial, a entrevista em grupo focal ou a aplicação de escalas ou testes psicológicos. A busca de uma única resposta possível sufocaria o inacabamento do problema e a tensão de um mundo que se quer apto à leveza do movimento que toma conta das ruas a cada mês de fevereiro.

Vale introduzir aqui o pensamento de Michel Foucault (1999: 453), segundo o qual “pode-se dizer que o conhecimento do homem, diferentemente das ciências da natureza, está sempre ligado, mesmo sob sua forma mais indecisa, a éticas ou políticas” – e não a algo que queira se aproximar de uma neutralidade implacável e final que, em nome de supostos universais, enfraquece a potência micropolítica dos problemas. A produção de uma exegese total e exata, portanto, é a última coisa que se defende aqui, quando se intenta coligar carnaval e metodologia.

Deste modo, localizada no entreposto da encomenda acadêmica e da aposta foucaultiana, o sentido de criar, validar e divulgar uma tática singular de trabalho não consiste em oferecer instruções e orientações a serem consideradas por aqueles que possam vir a se interessar por problemas similares – uma vez que as instruções necessárias para se perder na cidade devem ser, paradoxalmente, forjadas na própria imanência do gesto. Onde se encontra a singularidade de cada percurso reside a dor e a delícia de seu método: poder e precisar ser inventado – e é isso que aqui nos interessa apresentar.

Na cidade em festa, o que há é um universo infinito de possibilidades. No desenrolar da pesquisa, no qual bloco e campo convergem, quais serão as ruas, ritmos, brincadeiras, parcerias, enfrentamentos? Com que conexões se dará essa experiência? Tomando como direção não-prescritiva o gesto inventivo e alegre de experimentação, acolhendo os desvios, as impurezas e os acidentes – ou arriscando afirmar que, “no limite, não há outra coisa senão acidentes” (EUGENIO, 2019a: 24) –, a aposta é na carnavalização do método. Com um punhado de ferramentas, sem saber exatamente por onde ir, o que fazer ou o que se encontrará, parte-se para o bloco, parte-se para o campo.

Uma experiência experimentante não-experimental

Condições normais de temperatura e pressão passam longe do sol de quarenta graus que estoura na cabeça dos cariocas espremidos nas ruas do Rio de Janeiro. O campo é a cidade: os fluxos são imprevisíveis. O corpo vibra em uma mistura de empolgação e nervosismo. Dentro da pochete, um arranjo de substâncias e objetos que podem auxiliar um corpo que pesquisa e pula o carnaval: documento, dinheiro, cartão, bilhete único, purpurinas, tintas, pincel, protetor solar, batom, alfinete de segurança, hidratante para as coxas, antialérgico, quadradinhos enrolados em papel alumínio, um vidrinho de conta-gotas, celular, chave de casa. Eis a caixa de ferramentas da pesquisadora-foliã. Sem qualquer pretensão de ser prescritiva, como disse Deleuze (FOUCAULT; DELEUZE, 2017: 132) na famosa conversa com Foucault em março de 1972, “é preciso que sirva, é preciso que funcione”.

Enquanto para alguns o que serve é um chinelo, para outros um tênis é fundamental. E nada impede uma mudança no meio do caminho caso o chinelo arrebente ou se estoure uma bolha no pé. Enquanto alguns planejam suas fantasias por semanas, outros preferem sair à paisana. Um escritor ou um amigo podem ser parceiros importantes, até que haja um desencontro ou se escolha seguir por caminhos distintos. Pode-se reencontrá-los mais tarde, ou não, dado que a cada minuto a cidade se modifica. Um conceito pode atravancar o percurso,

uma dose exagerada pode dificultar a viagem, um flerte pode provocar um desvio de rota, um acidente pode exigir o traçado de novos planos.

Ainda que se intentasse reproduzir a exatidão matemática das ciências clássicas, o carnaval, quando “o mundo é muito mais do que isso, tão mais, na verdade, que chega a ser infundável” (CASTANEDA, 1995: 138), rasga os manuais e deixa que as folhas se espalhem pela cidade. Ao pesquisador desnordeado, desprovido das prescrições que orientariam seu trabalho de campo, resta seguir o bloco e entrar na dança, apostando na criação de uma metodologia singular, local, processual e inconclusa – “porque inconcluso é o sujeito, porque inconcluso é o território, porque inconclusa é a passagem” (MIZOGUCHI, 2016: 59).

Pela cidade, à medida que dobramos esquinas e percorremos ruas, fazendo pontos de parada e tomando desvios, traçamos linhas tortas e descontínuas e encontramos, intencionalmente ou ao acaso, pequenos fragmentos de um carnaval que não se totaliza, só se multiplica, se expande, se transforma, se desdobra. O percurso ganha outros sentidos – ou passa a ser ele mesmo o sentido do pesquisar. Ao imergir na folia, nesse intenso campo que não cessa de se modificar, o essencial não está no resultado a ser alcançado, na verificação de uma verdade incontestável ou na garantia de replicabilidade do procedimento, mas na experiência. Uma experiência “que não é nem verdadeira nem falsa” (FOUCAULT, 2010: 293), que não cabe nos laboratórios assépticos e nas análises frias, que não pode ser antecipada, simulada, contida ou reproduzida: uma experiência experimentante não-experimental.

A pesquisa vai, assim, sendo forjada a cada passo – na imanência dos encontros, a partir dos efeitos que eles produzem e dos gestos que convocam. E se a experiência é o que a orienta e sustenta, é justamente a fim de, como indica Larrosa (2015: prólogo) em seus *Escritos sobre experiência*, “transformar o que já sabemos [...] liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser quem somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo”. Pesquisar como um meio de sustentar a inquietação, a problematização, a perturbação que “arranca o sujeito de si próprio” (FOUCAULT, 2010: 291) e o força a experimentar e conspirar mundos outros.

Na deriva deste laboratório a céu aberto, em percursos inacabados e distantes de uma objetividade descorporificada, que, como disse Donna Haraway (1995: 19), supõe, feito um truque de deus, “ver tudo de lugar nenhum”, convém aproximar-se das avenidas e ruelas, das danças e das brigas, das alegorias e do lixo, do sagrado e do profano, do familiar e do desconhecido, do brilho e da penumbra, do espetáculo e das miudezas, da cidade e de si, trazendo ao centro da cena “aquilo que habitualmente se considera escória da ciência – os

inconvenientes e limites ao ponto de vista neutralista” (LOURAU, 2004: 85) –, na tecedura de um pesquisar localizado.

Já é carnaval, cidade, acorda para ver!¹

Na concentração, a pesquisadora abre a primeira cerveja e alivia o corpo das inevitáveis primeiras gotas de suor. O tempo de chegada é vagaroso – aos poucos sentir o espaço, as pessoas, os sons, as cores. Jogar conversa fora, perder o sono, alongar braços e pernas. As tintas e purpurinas começam a sair da pochete para colorir o rosto e espantar a timidez. Por todos os lados, corpos limpos e descansados, fantasias alinhadas, maquiagens intactas, movimentos contidos, celulares nas mãos. Foliões andam pra lá e pra cá, cumprimentam amigos e conhecidos, tiram fotos que vão instantaneamente para as redes sociais, conversam em pequenas rodinhas no meio da rua no centro da cidade – onde, em outros dias do ano, os carros, ônibus e motos passam a toda velocidade, buzinando para qualquer coisa ou pessoa que obstrua o caminho. Hoje não parece haver a pressa de todo dia. Talvez uma pequena ansiedade – para o cortejo começar, para encontrar alguém, para a onda bater, para algo acontecer.

Ainda não há qualquer sinal do bloco: o atraso carioca também vale para o carnaval. Mais alguns amigos, mais um pouco de suor, mais um latão para refrescar. Enquanto aguardam, reparam nas fantasias, falam sobre o clima, a volta para casa no dia anterior, notícias da cidade, histórias desse e de outros carnavais. Frases soltas e pedaços de conversas dos passantes atravessam e viram assunto. O volume aumenta, o sol esquenta, e a cada minuto novos e mais estímulos vão enchendo a praça. A pesquisadora se põe atenta ao que se passa, querendo absorver ao máximo esse campo que em poucos dias vai se desfazer. Mais um dia de carnaval, um dia a menos de carnaval – frio na barriga.

Na ansiedade, ela recua com o corpo e avança com o olhar (EUGENIO, 2019b: 14). Enquanto espera, sobe em um degrau no canto da rua, de onde tenta capturar tudo – a música que toca, as pessoas em volta, como chegam, o que dizem, o que usam, como parecem se sentir. O bloco nem começou ainda, mas seus olhos se movem inquietos em busca de alguma cena extraordinária. De um território firme e distante, cara limpa e corpo sóbrio, faz anotações pelo celular. Rapidamente as palavras preenchem o bloco de notas vazio, até que se pega escrevendo coisa qualquer.

“Não perca seu tempo com esse tipo de besteira” (CASTANEDA, 1995: 26) é uma das primeiras orientações do feiticeiro Dom Juan ao antropólogo Carlos Castaneda, que, empolgado com sua nova pesquisa, se põe a preencher formulários e a escrever tudo que ocorre no encontro

entre eles. “De nada serve anotar qualquer coisa”, ela anota como um lembrete e guarda o celular de volta na pochete, tomando para si o conselho do *brujo*. Vira o último gole, agora quente, da lata que estava esquecida entre os dedos, abandona o posto da pesquisadora supostamente neutra e retorna à rodinha na qual os amigos seguem conversando empolgados.

Um ambulante liga uma pequena caixa de som, despertando nos mais próximos alguns primeiros movimentos de dança. Um amigo toma uma pequena dose de LSD, empolgado pelas 150 batidas por minuto que chegam, sem cerimônia, rasgando a manhã. Ela considera tomar mais uma cerveja, mas hesita. É cedo ainda, e importa estar presente nesse e nos outros blocos que se seguirão. O dia é longo, e se a alteração dos regimes de sensibilidade pode potencializar a experiência, basta um descuido para perder-se no fluxo caótico do carnaval – onde muita coisa acontece, mas pouca coisa dura. Qual a dose ideal? Qual o limite? Quais os agenciamentos? Cada escolha do dia vai interferir – não se sabe como – nos resultados, não se sabe quais. Por ora, toma uma água para aliviar o calor.

Um grito anuncia que o bloco vai sair do outro lado da praça. Os músicos sopram as primeiras notas, e toda a gente dispara numa corrida desordenada para alcançar o cortejo e se aproximar do som. Quanto mais perto, mais apertado fica. As ruas se estreitam, dificultando a missão. Em um instante, a concentração tranquila vira um mar de gente. Alguns velinhos e adultos com crianças pequenas tomam o contrafluxo para fugir do afunilamento. Um táxi que passava desavisado fica comprimido pela multidão, e os foliões não hesitam em bater nos vidros, acenar, fazer graça e convidar os passageiros para a festa lá fora. O taxímetro conta os segundos, mas eles não sairão dali tão cedo. Ao ritmo de tradicionais marchinhas de carnaval, uma avalanche alegre desperta a manhã.

Sol queimando, quarenta graus, sensação térmica de cinquenta. Todo o corpo arde. Ela pressiona um gelo cedido por um camelô contra a nuca, a gota gelada percorre suas costas. Centenas de corpos aglomerados na rua, centenas de imagens, toques, gestos, vozes por segundo. Mais uma cerveja, alguns passos adiante e a marcha vai se tornando mais fluida, o riso, ainda mais frouxo e o coro, cada vez mais forte. Não adianta mais lutar contra o suor, a falta de espaço e alguns pisões acidentais no pé – “mete o cotovelo e vai abrindo caminho / pegue no meu cabelo pra não se perder e terminar sozinho / o tempo passa mas, na raça, eu chego lá / é aqui nessa praça que tudo vai ter de pintar” (UM FREVO..., 2018). Entre apertos e empurrões, a multidão encontra encaixes possíveis. Contrariando o automatismo cotidiano, as pessoas se olham com menos desconfiança, até que rostos desconhecidos se tornam quase

familiares. Muita coisa acontece, tudo se passa muito rápido. Não demora muito para que surjam alguns olhos vermelhos, mandíbulas travadas, batons borrados. De repente, um esbarrão enseja uma discussão, que quase dispara uma briga, apartada rapidamente pelos amigos de dois homens que se encaram enquanto se distanciam. Três foliões se beijam intensamente e nem percebem o breve tumulto que se formou ao lado. Uma criança que dormia no colo da mãe desperta num susto, olhando a festa sem saber se ri ou se chora. Uns cinco adolescentes com os cabelos descoloridos, cortados “na régua”, passeiam pelo bloco, um segurando no ombro do outro, sorrisos largos e olhos brilhando. “Que é isso?”, um deles pergunta desconfiado a um jovem barbudo que leva o dedo mindinho a um saquinho plástico e depois à boca. “Sal”, ele afirma prontamente, enquanto guarda a embalagem no bolso. O menino repassa a resposta aos amigos, e riem, sem entender muito bem.

Entre os mais variados signos, vindos de todas as direções, um grito se destaca e cresce em contágio: “Beija, beija!”, fazendo coro para o casal de velhinhos que acena sorridente do alto, emoldurados pela janela de uma casa verde. Eis a imagem bonita que a pesquisadora buscava mais cedo. Cuidadosamente, espremida entre tantos corpos, abre a pochete, tira o celular, fecha o zíper, liga a câmera, volta à janela: tarde demais, perdeu o beijo, ficou para trás. Na ânsia de capturar o momento, acaba por perdê-lo, tomando uma rasteira do próprio dispositivo metodológico. O acontecimento não espera o tempo do registro, a cena é “imediatamente substituída por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera” (LARROSA, 2015: 21). A multidão já se ocupa de outras tantas coisas, e é inútil querer reter todas elas. Ela digita umas poucas palavras avulsas no aplicativo de notas e corre para alcançar os amigos, que perdeu de vista.

Toda a cidade arde

Com seu corpo colado na corda, seus pés mal tocam o chão. Seus ombros estão grudados em quem está ao lado, em sua frente os músicos emendam uma música na outra, enquanto um homem, com voz rouca, grita orientações para manter o cordão de pé: “Não empurra! Segura! Segura!” Atrás, gente a perder de vista, pressionando a multidão contra a corda, enquanto os da corda fazem força para se manterem firmes no chão e frearem a marcha. Gotas de suor escorrem pela sua testa e entre os seios; ela respira fundo e levanta os braços para sentir a pouca brisa que corre sobre sua cabeça.

“Água?”, oferece um amigo. “Só água?”, pergunta. “Não”, ele responde. Ela sorri e mata sua sede. A essa hora, todos estão encharcados – e se é de suor ou pelos baldes d’água lançados

dos sobrados, pouco importa. No encontro entre os corpos, trocas de adereços, suores, salivas, goles. As purpurinas vão passando de uns para os outros, e não há quem saia ileso dessa festa. Maquiagens se derreteram, algumas fantasias começaram a se desfazer, deixando pedaços de tecidos brilhantes pisoteados no chão de paralelepípedos. Cores, peles, panos, bocas, brilhos. Tudo meio fora do lugar, incrivelmente caótico e bonito.

O molhado dos corpos confunde frio e calor. Uma mulher fantasiada de nuvem atira água de um borrifador para o alto, fazendo chover em quem está por perto. A nuvem sorri, ela se arrepia – um tanto prazer, um tanto incômodo. É como se cada gota estalasse no contato com a pele. Quase se esquece que segue enlaçada na corda. Ao seu lado, alguns homens e muitas mulheres a seguram também, enquanto pulam, cantam, bebem, beijam. Em uma estranha dança espremida, os passos vão ganhando cadência – ora mais disputa, ora mais consenso. Em meio à dança, ao aperto, à água jogada pelas janelas, aos furtos imperceptíveis, ela repete o procedimento de antes: abre a pochete, tira o celular, fecha o zíper, abre o bloco de notas. Escreve cenas, pensamentos, sensações, afetos. Sem qualquer compromisso com coerência, qualidades ou explicações, as palavras fluem, formando um estoque de imagens múltiplas, abertas e fragmentadas, sem que se saiba ainda a que servirão – afinal de contas, “o tempo da análise virá mais tarde” (FAVRET-SAADA, 2005: 160). Entre um bloco e outro – de notas e de carnaval –, o corpo dançante, as mãos firmes e os olhos atentos, concentrados no arriscado gesto.

Quando as palavras parecem suficientes, ela abre o zíper, guarda o celular, fecha a pochete. Pode novamente dispersar a atenção, deixar a onda fluir, deslizar na multidão. E então começa a perceber tudo com mais intensidade – as cores, as texturas, os sons, as presenças. Ao seu redor, rostos familiares – mínimo contorno e aconchego. Toques, olhares e sorrisos largos são comunicação suficiente: sim, eu sei! É, eu também! Pupilas dilatadas, risos frouxos, beijos fáceis. Corpos porosos, desejosos, apaixonados. Tudo se mistura, se dissolve e a invade. Ela aceita e se dissolve também: estado líquido, mar de gente. Excesso de informações que se desmancham em segundos, dando lugar a outras, e mais outras – quadro vivo que não para de se configurar. Com a corda encaixada nos braços, é ela quem é conduzida enquanto descem a ladeira. Faz força, mas não sente peso. Sente soprar um vento fresco, e se sente “flutuar como uma pluma, para diante e para trás, para baixo, e para baixo e para baixo” (CASTANEDA, 1968: 71). Não solta. Fecha os olhos e vai.

Os sons da multidão se misturam em barulho indiscernível, do qual se destacam palavras, gritos, batuques e melodias mais próximas ou mais distantes, mais agudas ou mais

graves. Sons abafados ou amplos, contínuos ou pontuais, que chegam como retalhos sonoros quase aleatórios, parecendo ora música ritmada, ora puro ruído, ora quase silêncio. Vão surgindo “imagens caleidoscópicas, fantásticas [...] variando, alternando, abrindo e então se fechando em círculos e espirais, explodindo em fontes coloridas, reorganizando e se cruzando em fluxos constantes” (HOFMANN, 1979: 12). Quando ela abre os olhos, percebe as mesmas cores se alojando em formas mais definidas – rostos, roupas, árvores, casas, postes, chão, céu. Formas que aumentam, diminuem, vibram, multiplicam-se – nem tão definidas assim. Suas pálpebras pesam e ardem, mas não se trata de sono. Talvez seja pela ativação desta estranha “experiência do olhar que é capaz de encontrar cem lugares diferentes num único”, como descreve Walter Benjamin (2017: 165) sobre a experiência com ópio ou haxixe.

Enquanto sente o sol penetrando a pele, que transpira por cada poro, ela espreme os olhos para encará-lo. Alguém lhe dirige a palavra, que demora a tomar sentido. Ela demora ainda mais para pensar em alguma resposta, até que desiste. As letras escapam, as formulações parecem insuficientes. Sensações do presente misturam-se com memórias do passado. Memórias de agora confundem-se com lugares outros. Palavras e ideias surgem soltas e encontram encaixes curiosos. Logo se desmancham e dão lugar a qualquer outra coisa. Em ritmo crescente e caótico, é “impossível refletir um pensamento até seu fim” (HOFMANN, 1979: 20). Interrogação vira exclamação, afirmação vira dúvida, que se abre em reticências... Tudo e nada faz sentido. “Tudo se tornou flexibilidade aparente, vazios no pleno, nebulosas nas formas, tremidos nos traços. Tudo adquiriu a clareza do microscópio” (DELEUZE; GUATTARI, 1996: 101).

“Vou ali procurar um banheiro, encontro vocês quando o bloco parar” – ela ouve, ao ser surpreendida por um toque em seu ombro. Os pensamentos se ligam de novo, como se submergisse. “Quer que eu vá com você?”, pergunta. “Não precisa, não, vou só.” Enquanto a amiga some pela lateral do cortejo, ela repara à sua volta: a festa está linda, os corpos entregues e alegres, o som faz tudo vibrar, todo barulho parece música. É carnaval, toda a cidade arde – “de alegria, de euforia, de prazer de viver / e coisa e tal” (DOCE..., 2019). Sorrindo com a cena, ela se recorda da questão que conduz sua pesquisa: como no carnaval se presentificam as forças da cidade e as disputas do presente? Como, afinal, no carnaval forjamos modos de resistir²?

“Tudo ferve e se movimenta por mil fissuras” (DELEUZE; GUATTARI, 1996: 69), e alguns lampejos parecem anunciar respostas, ou ao menos desdobrar novas questões. Nesse momento, ela solta a corda e deixa o bloco avançar. As mais diversas ondas se misturam. Como elas se conjugam aqui, ou não? Jovens, velhos, crianças, bêbados, caretas, fritos. Pegação,

dança, riso, brincadeira. E também a função, as paranoias, atritos, brigas, assédios, discriminação. Observa os corpos ao seu redor: suas cores, idades, fantasias, semblantes, gestos... Tantas cidades acontecendo, podendo ou querendo acontecer. O casal que se beija intensamente, paixão que pode durar quinze segundos ou anos. A menina que experimenta ácido pela primeira vez, na dúvida se engole o papelzinho ou o deixa por mais tempo embaixo da língua. O cara que esbarra em todo mundo com seus passos trôpegos e atrapalhados, parecendo não se importar com a inconveniência. O garoto que veio trabalhar com o pai e conta o troco da cerveja que acabara de vender. A mulher que veio de longe, sozinha, conhecer o tal carnaval do Rio de Janeiro. A que está passando o carnaval sem beber, carregando um futuro folião em potencial na barriga. Centenas de pessoas que gritam “Marielle, presente!”. Uma dúzia que, em resposta e para a surpresa de muitos, vaia. Os meninos pretos que, a poucas quadras dali, estão sendo revistados de maneira truculenta pela polícia, evidenciando que a guerra às drogas tem alvo certo e que o paradigma proibicionista nada mais é do que a engrenagem de um projeto racista, que legitima a violência do Estado. Tantas cidades em disputa, “oceano infinito, agitado por ondas turbilhonares” (ROLNIK, 1998: 128). Que pistas se insinuam para pesquisar o carnaval? O que o carnaval tem a contar sobre a cidade? Que forças estão em cena? E o que fica de fora, à margem do cortejo ou de sua percepção? Dessa vez, ela toma notas mentais, das quais espera lembrar-se daqui a pouco. Agora entrega-se à dança – não quer perder essa música.

De volta ao ponto de partida, o cordão é largado no chão, os foliões tomam a praça, a banda sobe no coreto e segue embalando a festa. Sol a pino, pausa para um respiro. Ela compra uma água e senta-se no meio-fio, as pernas agradecem. Aproveita para fazer mais alguns registros: do incrível ao ordinário, do elaborado ao mais incipiente e nebuloso. Por mais que as pequenas letras do teclado do celular não parem de se mexer, se esforça – seria ingênuo confiar só na memória ainda na metade do dia. Suas impressões vão sendo atravessadas pela conversa dos amigos, e em algum momento essas memórias já não serão apenas suas. Convida-os a pesquisar também. Um deles ri, achando que é brincadeira, surpreende-se ao perceber que o convite é sério, e embarca na onda. Um ou outro se dispersa, indo atrás da música ou de algum papo mais leviano. Alguém puxa uma referência que há muito está parada na estante, e uma outra que ela anota para pesquisar depois. Dizem das alegrias e dos estranhamentos, das experiências de agora e de outrora. Histórias vividas, testemunhadas, costuradas, inventadas. Entre memória, partilha e ficção, feito a “miragem” cantada por Caetano Veloso (MIRAGEM..., 2018) misturam-se os carnavais, até que fatos e ilusões não mais se distingam – e então, ao

narrar suas experiências, a pesquisadora não fala exatamente de si, mas de algo que atravessa um “nós-enquanto-presente” (RODRIGUES, 2015: 3). O campo se expande. Sentados no chão, em uma roda no meio da rua, elevando o volume da voz para atravessar a cacofonia da multidão, fazem uma nada convencional orientação coletiva.

Pistas para uma metodologia ébria: inconclusas considerações

Talvez este seja, de longe, o cenário menos provável para a realização de uma pesquisa. Talvez, à primeira vista, a pesquisadora pareça fora de si, ou dentro demais do seu campo – foliã demais para ser levada a sério. Desconhecemos algum livro de método que leve em conta que o pesquisador possa estar embriagado em seu ofício. No entanto, com exceção do prefeito que pede ao povo que não beba no carnaval (PENNAFORT, 2018), todos parecem reconhecer que a embriaguez faz parte dessa festa alegre, irreverente e exagerada. Neste entremeio, a questão insiste: como forjar um corpo pesquisador-folião? De que modo compor esses lugares, sem que um devore o outro? Talvez fosse possível negociar um justo revezamento. Talvez a foliã pudesse ter gentilmente cedido e saído de cena em nome do rigor e compromisso com a ciência. São só dois carnavais no tempo regulamentar da pesquisa, afinal de contas. Talvez a pesquisadora pudesse ter cumprido sua carga horária e depois tirado uma folga, dando o tempo para a foliã se jogar sem culpa ou preocupação: cada lugar na sua coisa, cada coisa no seu tempo. Mas de que nos interessaria esse jogo de cena, tão próximo às aspirações de neutralidade, distanciamento e controle dos modos mais tradicionais de se fazer ciência?

Animados precisamente pelo que emerge dessa justaposição, arriscamos que sustentar a empiria em sua radicalidade implique mesmo habitar essa corda bamba, meio bêbada, meio equilibrista: pesquisadora-foliã. Descartado o pedido do prefeito neopentecostal, seguimos com o apelo de Charles Baudelaire (1995: 322): “Embriaguem-se; embriaguem-se sem descanso!” – e, ao invés de limpar o campo e o corpo de possíveis impurezas e riscos, nos afastamos do moralismo asséptico que faz tal aposta soar inadequada. No campo das palavras, descobrimos que botequim, botica e biblioteca partilham remotamente de uma mesma origem – o termo grego *apothéke*, cujo significado é depósito (SIMAS, 2019). Tendo isso em vista, talvez misturar saber, ciência e embriaguez não seja tão disparatado – nem tão inédito – assim. No campo da experiência, podemos dizer que o boteco – primo distante da loja de fármacos e da morada dos livros, no qual nascem tantos sambas e blocos no tempo infinito das saideiras – não só afirma um não-saber como potencializa “um modo de saber tátil, exploratório, atmosférico e comprometido. Um modo que faz do saber, sabor” (EUGENIO, 2019a: 35).

Na rua, guiados pela boca, entre saberes e sabores localizados, o problema é reformulado: de que modo compor estas posições, pesquisadora e foliã, até que uma devore a outra, extraindo da carnavalização não um objeto, mas o próprio *ethos* do pesquisar? A devoração, tomada em seu sentido antropofágico, se faz potência no lugar de risco – “só me interessa o que não é meu” (ANDRADE, 1928: 3). No lugar do revezamento disciplinado, pesquisadora e foliã assumem, com a força irreverente do carnaval, “uma vizinhança paradoxal entre heterogêneos, feita de acordos não resolvidos e não remetidos a uma totalidade” (ROLNIK, 1998: 133). Devoram-se, a fim de que possam, ao atravessar essa experiência, tornar-se mais fortes e não mais as mesmas.

Desanuviado o falso problema da dualidade, prioridade ou incompatibilidade, convém então saborear os possíveis, tatear os caminhos e coser os mapas, de modo que “novos e diferentes aspectos da realidade possam surgir” (HOFMANN, 1979: 87). Entre pesquisadora e foliã, o traço de união é o corpo. Entre experimentação e prudência, com “um certo grau de abandono e, ao mesmo tempo, um certo controle sobre si mesmo” (CASTANEDA, 1995: 124), criam-se brechas para estranhar o mundo e a si, no limite daquilo que já é conhecido, com abertura às múltiplas forças que atravessam a cidade e à possibilidade de ser, pensar e agir diferentemente.

Sem dizer de saída quais agenciamentos servem e quais não, quais escolhas são boas ou más, o que legitima a experiência e o que a arruína, a aposta é viver o campo do mesmo modo e ao mesmo tempo em que se vive a festa. Na costura dessa metodologia ébria, buscamos aliar-nos àquilo que pode potencializar a experiência coletiva, abrir a percepção ao imperceptível, desfazer e refazer os contornos existentes, alargar “o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para viver juntas” (EUGENIO, 2019b: 14): outros sabores, outros saberes, outra ciência, enfim. Descrentes do corpo neutro e desinteressados pela distância asséptica, já sabemos que “a alegria é a prova dos nove” (ANDRADE, 1928: 7). Imersos nos fluxos e fluidos da cidade, brindamos à pesquisa em pleno carnaval

Se não nos é recomendado na academia que abdicuemos dos métodos, como faz o poeta Manoel de Barros (2010), ei-lo, então, aqui: não como um receituário, tampouco como um manual ou um novo protocolo, mas tão somente a passagem de uma experiência – experimentante não-experimental – pela qual se forja um pesquisar – não *sobre*, mas *no* carnaval, mergulhado em seus signos e forças. É quando essa experiência chega ao fim e o campo se desfaz que podemos então narrá-la, e o que fica não é mais que o rastro de um método

que virou cinzas junto ao carnaval. Se alguma instrução se faz necessária, é a de que o mapa que se desenha não seja seguido, pois já são outras as linhas que o compõem. Suas pistas são descartáveis, uma vez que inacabado e irrepetível é o caminho percorrido. E se interessa então apresentá-lo é por nele se atualizar um *ethos* da experiência e uma aposta na força de contágio que ela possui: que algo dela possa impregnar e acompanhar aquelas e aqueles que se interessem também em pensar a cidade, os processos de subjetivação contemporâneos e, aqui especificamente, o carnaval. Que a experiência de leitura possa se assemelhar à do folião que, ao deixar um bloco carnavalesco para tomar alguma outra direção, segue impregnado com a purpurina dos corpos que tocaram o seu, embriagado pelas forças que o atravessaram e desejoso de outros e novos encontros – e então, transgredindo a indicação dos transgressores Mutantes, vá se perder por aí.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 1, p. 3-7, maio 1928.
- BARROS, Manoel de. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- BAUDELAIRE, Charles. *O Spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. Em: _____. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. 5. ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 71-142.
- BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento: sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CASTANEDA, Carlos. *A erva do diabo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- CASTANEDA, Carlos. *Viagem a Ixtlan*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Os involuntários da pátria*. São Paulo: Edições n-1. (Série Pandemia).
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. Em: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 83-115.
- DOCE de carnaval (Ao Vivo) (Bonus Track). Gilberto Gil. *Youtube*. 24 abr. 2019. 5min56s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uZaMKMPy84g>>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- EUGENIO, Fernanda. Por uma política do co(m)passionamento. Em: _____. *Caixa-livro And: Articulações*. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019a. p. 21-36.

- EUGENIO, Fernanda. O encontro é uma ferida. Em: _____. *Caixa-livro And: Articulações*. Rio de Janeiro: Fada Inflada, 2019b. p. 14-17.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Trad. Paula de Siqueira Lopes. *Cadernos de Campo*, nº 13, p. 155-161, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. Em: _____. *Ditos e Escritos, vol. VI: repensar a política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. Em: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 129-142.
- GERÔNIMO SANTANA. Lambada da Delícia. Teatro Castro Alves Salvador (Ba) DVD. MrMusicaAlternativa. *Youtube*. 21 dez. 2012. 5min47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3HWTLNsq_D8>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, nº 5, p. 7-41, 1995.
- HOFMANN, Albert. *LSD: Minha Criança-Problema*, 1979.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LOURAU, René. Objeto e método da Análise Institucional. Em: ALTOÉ, Sônia (Org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 66-86.
- MIRAGEM de carnaval. Caetano Veloso. *Youtube*. 10 abr. 2018. 4min27s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_j42adM16BA>. Acesso em: 27 abr. 2021.
- MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina/UFRGS; 2016.
- MOURA, Maria Lucia Seidl de. *Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- PENNAFORT, Roberta. Crivella pede que foliões não bebam muito no carnaval. 6 de fevereiro de 2018. *Estadão*. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,crivella-pede-que-folioes-nao-bebam-muito-no-carnaval,70002179940>>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Caixa de ferramentas para uma atitude histórico-crítica na pesquisa-intervenção. *Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 5, nº 2 p. 6-31, 2015. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53288>
- ROLNIK, Suely. Subjetividade Antropofágica/Anthropophagic Subjectivity. Em: HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano (Ed.). *Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s*. XXIV Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998. p. 128-147.
- SIMAS, Luiz Antônio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- UM FREVO novo. Caetano Veloso. *Youtube*. 29 jul, 2018. 2min53s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yty18TpOghQ>>. Acesso em: 30 maio 2021.

Juliana Cecchetti
Universidade Federal Fluminense
E-mails: julianacecchetti@id.uff.br

Danichi Hausen Mizoguchi
Universidade Federal Fluminense
E-mails: danichihm@hotmail.com

¹ “Já é carnaval, cidade, acorda para ver!” é o primeiro verso de “Lambada da delícia”, composta pelo cantor e compositor baiano Gerônimo Santana (2012). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3HWTLNsq_D8

² Esta contração é feita por Eduardo Viveiros de Castro em uma aula pública – posteriormente publicada no formato de cordel pela n-1 Edições sob o título *Os involuntários da pátria* –, na afirmação de que “os povos indígenas não podem não resistir sob pena de não existirem como tais. Seu existir é imanentemente um resistir, o que condensa no neologismo *reexistir*” (2016: 15). Ainda que a vida e a luta dos povos originários não sejam o mote da pesquisa, interessa tomar emprestado o termo para afirmar essa relação imanente entre existência e resistência como algo que atravessa e conecta experiências minoritárias.